

## **MANEJO SUSTENTÁVEL DE PASTAGENS NATURAIS DO RS**

Coordenador: CARLOS NABINGER

Autor: LIARA LIDIA SIMON

No início da colonização do RS a vegetação original, que recobria cerca de 60% do território, era constituída por campos. Sobre este recurso natural alicerçou-se durante muitos anos a economia do estado, através da pecuária de corte. As atuais pressões antrópicas, no entanto, determinaram a redução da área deste ecossistema a menos de 30% do original, em que pese os múltiplos papéis ambientais que o mesmo desempenha, tais como preservação do solo, das águas, da fauna e da própria flora. A taxa de substituição desse bioma tem sido justificada pela baixa produtividade animal aí verificado, que determina baixa renda ao produtor, levando-o a buscar alternativas mais rentáveis, ainda que não ambientalmente corretas. No entanto, os estudos do grupo de pesquisas do Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia da UFRGS demonstram que o potencial produtivo dos campos naturais é muito mais elevado do que aquilo que os produtores têm praticado. Um estudo de Diagnóstico da Pecuária de Corte do RS demonstra que cerca de 80% das áreas destinadas à pecuária de corte é representado por pastagens naturais, mas que o baixo desempenho econômico da atividade é decorrente, sobretudo do desconhecimento de práticas adequadas de manejo das pastagens adotadas. A pesquisa tem demonstrado que o simples ajuste da carga animal e o diferimento de poteiros podem aumentar produtividade animal em mais de 300% e a custo praticamente zero. Na média do estado as produções de peso vivo por ha/ano, em sistemas de recria e terminação são da ordem de 60-70 kg de peso vivo (PV) produzidos por ha e por ano, enquanto que o ajuste da carga animal através do controle da oferta de forragem (kg de forragem/100kg de peso vivo animal/dia) tem permitido produções em torno de 240 kg/ha/ano. O ótimo ajuste da carga através do controle da oferta tem sido obtido com a manutenção de ofertas de 12 % (12 kg de forragem/100kg de peso vivo/dia) de janeiro a setembro e 8% de outubro a dezembro. Na primavera, espécies entouceiradas como capim-caninha, cola de zorro, barba de bode, etc. são induzidas a florescer. Em altas ofertas essas espécies começam a ser rejeitadas, fazendo com que formem touceiras altas com elevada proporção de colmos. Constatou-se que se esses colmos forem consumidos logo no início da elongação, a planta permanece com mais folhas do que colmos. Essa alteração da estrutura do pasto tem reflexos positivos no desempenho animal. Com a diminuição da oferta de pasto através do aumento da carga animal,

incentiva-se o consumo dessas espécies cespitosas antes do seu florescimento, além de manter uma maior disponibilidade para os períodos de outono-inverno. Na prática do produtor esse correto ajuste de carga pode ser obtido através da observação da altura da vegetação que compõe o estrato inferior do campo, ou seja, a vegetação entre touceiras. Os estudos têm indicado que esta deve ser mantida em torno dos 13 cm de altura, pois isso otimiza o processo de pastejo através de bocados de maior tamanho, maximizando a taxa de ingestão diária de forragem. Além do mais, nessa condição o animal encontra maior possibilidade de selecionar uma dieta de maior qualidade o que se reflete em melhor desempenho individual. Outras práticas de manejo como adubação e sobressemeadura de espécies de inverno, como azevém (*Lolium multiflorum*), trevo branco (*Trifolium repens*), trevo vesiculoso (*Trifolium vesiculosum*) e cornichão (*Lotus corniculatus*), permitem eliminar a principal limitação à expressão do potencial das espécies nativas que é a fertilidade do solo e as baixas temperaturas nas estações frias, aumentando a produtividade animal em até mais de dez vezes em relação à média do estado. Somando-se a este incremento de produtividade, que se traduz em renda para o produtor, os ganhos ambientais também decorrentes, com aumento da diversidade florística, manutenção da fauna associada, melhoria das condições físico-químicas dos solos e aumento da taxa de infiltração e armazenamento de água. Portanto, é possível cumprir agendas ambientais corretas e, ao mesmo tempo propiciar mais renda ao produtor rural, desde que ações concretas de difusão destas tecnologias de baixo custo e de conscientização ambiental sejam colocadas em prática. O objetivo da presente ação de extensão é contribuir para que estes conhecimentos estejam ao alcance do produtor através de demonstrações de campo em unidades demonstrativas, algumas mantidas há mais de vinte anos, na Estação Experimental Agronômica da UFRGS. A presente proposta representa uma continuação de um programa de capacitação dos produtores iniciada em anos precedentes com mais de 150 técnicos e produtores participantes em duas edições anteriores. O dia-de-campo consiste numa breve exposição teórica sobre os principais atributos e vantagens do uso da pastagem natural, enfatizando a importância ambiental da preservação dos campos e a realização de práticas a campo visando o uso adequado do recurso pastagem nativa através de: a) ajuste da carga animal em função da oferta de forragem pretendida; b) observação da condição do pasto que reflete um adequado manejo da carga animal; c) identificação de espécies forrageiras indicadoras da condição do campo; d) demonstração das vantagens do uso de diferimentos de áreas da pastagem, seu importante papel no ajuste da carga animal e seus benefícios para a composição botânica e para o solo; e) demonstração da importância e os procedimentos necessários para o melhoramento de

áreas de pastagem por correção de solo e sobressemeadura com espécies hibernais. Desta forma pretende-se demonstrar e conscientizar o produtor de que é possível incrementar a produção animal, com retorno econômico e sustentabilidade ambiental, de sistemas que integrem o ajuste da carga animal, o diferimento e a adubação e sobressemeadura da pastagem natural.